

ITALIANO VERSUS LATIM

IL CANNOCCHIALE ARISTOTÉLICO, CAPÍTULO VI

Carlos Eduardo Mendes de Moraes (UNESP)

RESUMO

Il Cannocchiale Aristotelico, de Emanuele Tesauro, é obra escrita em italiano, no ano de 1670. Trata de estabelecer um *modus faciendi* para a prática da escrita, tanto no que diz respeito à poética, quanto à retórica, respeitando, em todos os seus pormenores, as orientações do pensador grego. Apresenta-se na forma de um catálogo, que discute, no eixo horizontal do tempo, o conjunto (bastante amplo) de possibilidades de imitação / emulação para a composição de um texto “arguto”, recorrendo aos exemplos já explorados desde os tempos Aristotélicos, principalmente na literatura latina; enquanto no eixo vertical do tempo, trata de listar e ajustar este conjunto de regras (transformadas, no seu texto, em prescrições) segundo exemplos encontrados ao longo da própria existência da literatura praticada pelos romanos e pelos italianos que, sendo sucessores de Aristóteles, têm a função de ilustrar a exemplaria das ocorrências no presente da obra, fazendo convergir, desta maneira, os dois eixos para um ponto comum, que vem a ser a imitação dos antigos com objetivos de “melhora” do modelo. Quanto ao enfoque desta apresentação, será selecionado o capítulo VI “Delle figure ingeniose”, no bojo do qual Tesauro discute o uso da língua italiana em detrimento da língua latina, fazendo valer a importância e a maturidade que esta língua assume no conjunto das línguas nascidas do próprio latim.

Palavras-chave: Italiano, Latim, Prescrição, Aristóteles.

INTRODUÇÃO

Il Cannocchiale Aristotelico é obra composta em italiano (quase, ou ainda com resquícios de uma escrita antiga), do final do século XVII (1670). Apresenta-se na forma de um grande catálogo rico em discussão nas suas partes, que conjuga procedimentos sobre a arte de escrever no tempo de sua composição, e tem como referencial teórico, obviamente, as obras poética e retórica de Aristóteles.

O conteúdo diz respeito às formas de utilização dessas artes (esses “fazer”) nas situações de representação, que englobam a declamação e a oração, segundo o rol de exemplos ali discutidos, que podem ser observados, imitados e emulados. Por emulação, da maneira que se praticou neste tempo na Europa, entendemos um procedimento, traduzido nos nossos dias, pela expressão (nem

sempre feliz) “o discípulo supera o mestre”, na prática dos seus ensinamentos. Isso porque, no tempo de Tesouro, o exercício da imitação dos modelos, assim como a emulação dos antigos foi, na expressão escrita e na fala, ponto de honra. Não cabiam originalidades que desprezassem um modelo consagrado.

O culto aos antigos existia como demonstração de erudição e de bom gosto, vindo a coroar os autores, os quais faziam bom uso do catálogo e desta maneira expunham o seu ponto e vista a partir de conceitos argutos, ou demonstravam a sua familiaridade com a “enciclopédia” dos modelos que estavam à mostra nesta relação entre o velho e o novo. (Aqui cabe um exemplo de nossa própria língua que, na retomada do universo literário antigo, vai “nomear seus versos” denominando, do ponto de vista contemporâneo, aqueles utilizados desde os seus primórdios como medida velha, e atribuindo aos resgatados da Antigüidade Clássica a denominação medida nova).

As matérias do *Cannocchiale Aristotèlico* defendem uma escrita pautada no modelo antigo, naquilo que se refere à estrutura do texto, mas que, aplicada ao presente da obra, atualiza os seus usos, regendo-se pela perspectiva própria do universo do escritor e, conseqüentemente, do leitor do século XVII. Nessa atualização se vê, como exemplo mais evidente, o mundo antigo substituído pelo mundo cristão. Nele, diversas figuras da retórica e da poética perdem seu espaço, dando lugar a outros tipos de apropriação que, por si, cumprem o papel da emulação referido acima. Vai, como ilustração, um conceito utilizado no subtítulo “Trattato Dei Emblemmi”¹:

EMBLEMA é Metáfora para ornamento das Linhas, das Salas, ou dos Vasos, que significa algum Documento Moral, ou Ensino Doutrinário, por intermédio dos Heróglifos, ou das Figuras Iconológicas, ou Fabulosas; ou de outras representações engenhosas mais livres que as Empresas: auxiliadas por palavras explícita, clara, ou por mais Versos, quando as expressões Eruditas são um pouco difíceis à

¹ No original: *EMBLEMA è Metáfora ad ornamento di Fregi, delle Sala, ò de' Vasi, significante alcun Documento Morale, ò Insegnamento Dottrinale, per mezzo di Geroglifici, ò di Figure Iconologiche, ò Fabulose; ò di altre ingeniose, & erudite rappresentationi assai più libere che le Imprese: aiutate da vn Motto chiaro, ò da più Versi; quando l'Eruditione siano alquanto difficili a' Mediocri'negni. Essendo ancor l'Emblema Simbolo vulgare...*(TESAURO, 1670, p. 734)

compreensão dos Mediocres Engenhos, constituindo assim o Emblema um símbolo vulgar...

Esta remissão a um símbolo “complementar”, que classifica o Emblema como recurso de efeito explicativo ou esclarecedor, dirigido a’i *Medriocri’ngegni*, demonstra o espaço que a erudição ocupa nas expressões argutas.

Muitos são os exemplos buscados, glosados, aludidos, discutidos na Antigüidade Clássica, que vêm a demonstrar a necessidade do seu conhecimento para o bom uso da matéria aristotélica. Entretanto, curiosamente, neste exercício de erudição Tesouro lança mão, apenas com parcimônia, das figuras mitológicas da Antigüidade. Este dado d’*Il Cannocchiale Arsitotèlico* é, portanto, revelador de compromisso com um outro modo de pensar, presente numa Europa moderna, cristianizada. É forma de atestar a atualização acima referida. A presença da mitologia antiga no *Cannocchiale* figura no final da obra, entre os recursos mais concretos na **Definitione, et essenza di tutti gli altri simboli in fatto**. Assim, fica apenas registrada a possibilidade de estudo das menções à mitologia, agrupadas no conjunto de formas de representação reservadas para os engenhos mediocres ou para as expressões mais concretas, ficando os conceitos mais agudos circunscritos às práticas mais elevadas. Todavia, este é um caminho que suplanta os objetivos desta exposição e cabe melhor em trabalho mais específico.

Os exemplos imitados / emulados no *Cannocchiale* não se restringem às obras de reflexão de Aristóteles. Fazem papel mais amplo, pois, tomando por base o pensador grego, arrolam uma tradição de imitadores que recorreram aos seus escritos, compondo, concomitantemente à sua exemplaria, uma história do uso de Aristóteles em cada um dos campos abordados. Constitui-se, assim, uma leitura vertical da obra aristotélica, com elementos de discussão que transitam no tempo, como, por exemplo, a **argutezza**, vista com exemplos dos antigos. Por outro lado, esta leitura fará par com uma leitura horizontal, que se evidencia com o fazer da própria obra, ao permitir a exemplificação dos aspectos do tipo **Uso Della Metáfora, Trattato Del Ridicolo, Trattato Del Panegírico**, etc, como prescrição, cujos objetivos são instruir seus contemporâneos na arte da escrita. Nesse aspecto, a metalinguagem da retórica permeia a

obra, pois com a mesma linguagem que pretende ensinar / discutir, Tesouro compõe seu trabalho. Ressalte-se aqui o termo prescrição, pois o caráter especulativo que coube melhor na obra de Aristóteles, no seu tempo, em consequência da apropriação e da atualização das suas idéias, transformou-se, aos poucos, em matéria prescritiva, cujas principais características, como bem se observa neste *Cannocchiale Aristotèlico*, são ensinar e imitar (ou ainda ensinar por meio da imitação).

No que diz respeito à divisão da obra, *Il cannocchiale Aristotèlico* compõe-se de 19 capítulos que tratam dos seguintes pontos:

1. Delle argutezze e suoi parti;
2. Cagioni efficcienti delle argutezze Iddio, Spiriti, Natura, Animali et Huomini;
3. Cagioni Instrumentali delle argutezze oratorie simboliche et lapidarie;
4. Cagion formale dell'argutia circa le figure;
5. Delle figure poetiche o concertative;
6. Delle figure ingeniose;
7. Trattato della metáfora;
8. Delle metafore continuate: et prima delle propositioni metaforiche, lequali comprendono i più bei motti arguti et l'allegoria;
9. Degli argomenti metaforichi et dei veri concetti;
10. Causa finale: et materiale dell'argutezza:
11. Teoremi pratici per fabricar concetti arguti;
12. Trattato dei ridicoli;
13. Trattato delle inscritioni argute;
14. Passagio dalle argutezze uerbali a quelle dei simboli in figura, ò in fatti

15. Idea delle argutezze heroiche vulgarmente chiamate Imprese;

16. Trattato degli Emblemi;

17. Dei reuersi delle medaglie;

18. Deffinitione, et essenza di tutti gli altri simboli in fatto.

19. Insertivarii et ingegnosi di tutte lê specie simboliche fra loro: et dell'arte lapidaria com la simbólica.

A obra permite, ainda, resgatar, com o elenco dos dados discutidos à luz de tão rica exemplaria, escrita, língua, retórica e poética antigas, leituras essenciais para a sua discussão. O seu caráter metalingüístico faz entrecruzar informações, conceitos, práticas, desveladas muitas vezes no comentário, na construção e não somente nas linhas da prescrição que constitui a sua essência. Aqui se insiste no conceito “prescrição”, cujo sentido indica como se deve escrever, falar, representar, questão que está por trás de todo o universo da escrita na Europa dos Seiscentos e que se resolve (ou se desenvolve) com o recurso aos grandes mestres gregos e romanos: Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Júlio César, e outros tantos exemplos.

A DISCUSSÃO SOBRE A LÍNGUA NO CAPÍTULO VI DO CANNOCCHIALE ARSITOTÈLICO

Deste universo, enfim, destaca-se a matéria que interessa diretamente comentar: o uso da língua vulgar (*de vulgari eloquentia*, para Dante), como forma de expressão preferida. O capítulo VI d'*Il Cannocchiale Aristotélico* trata das figuras engenhosas (**Delle Figure Ingenuose**). A discussão que Tesauro faz sobre o uso da língua marca a preferência explícita do uso do italiano ao uso do latim, justificando esta preferência pela maturidade da sua língua, em detrimento da senectude das duas latinidades experimentadas na Itália.

Esta preferência pode explicitar, também, outro aspecto da emulação enquanto prática de escrita, pois ao mesmo tempo em que o modelo está proposto como “melhor”, está, da mesma forma, fixado, permitindo aos seus imitadores / seguidores / “emuladores” a

possibilidade de suplantá-lo no exercício contínuo da escrita. Orientação análoga está por trás da escolha da língua, pois tendo o latim experimentado dois importantes momentos no contato com o território italiano (a “fundação literária e intelectual” de Roma e o Renascimento cujo sustentáculo é a Antiguidade Clássica), muito maior é o campo de desenvolvimento do italiano, por confrontar a sua condição de língua em plena existência à estabilidade, à tradição e à imobilidade do latim no século XVII.

Estão em debate, no conteúdo do *Cannocchiale*, as idades da língua latina e as idades da língua italiana, as quais são apresentadas segundo os seguintes recortes:

a) Sobre as idades da língua latina:

1. E tutte apunto quest’etati visse la Romana latinità: balbutì bambina:ingrandì fanciulla: inuigori giouine: maturo uirile: incanuti uecchiarella: & finalmente morì.

Passò la sua PVERITIA sotto a’ Reggi, & sotto a primi Consoli: mentreche il Roman Popolo, (...). (p. 237)

2.. Allora i Cigni risuegliati al canto de’ Galli; cominciarono à cantar più degname, quando cominciarono i Cittadini à far’ imprese più degne: & ad vn tempo i Lauri de’ Poeti, con quegli de’ Scipioni, dalle Romane ceneri pullularono. Questa fu la florida GIOVINEZZA della Lingua Latina, che per dugent’anni andò scherzando nelle Poesie di Andronico, d’Ennio, e di Plauto ... (p. 237-238)

3. Succedè à questa cruda *Giouinezza* la robusta VIRILITTÀ della Lingua; che andò maturando dal tempo de’ Gracchi persino à quel di Tiberio (p. 238)

4. Questa fù adunque la rancida & cadente VECCHIEZA della Lingua Latina: laqual essendosi andata per alquanti secoli trascinando quà là, doue le Vittorie de’ Cesari la chiamauano: & principalmente nella Gallia Cisalpina, doue la seggia dell’Imperio fù transportata (p. 239)

O tratamento dado por Tesouro é explícito no reconhecimento da herança formal e literária que italiano deve ao latim, considerada, entretanto, a partir de uma maneira “naturalista” de encarar a existência das línguas. Como fizeram os neogramáticos, no final do século XIX, compara a existência da língua à de um organismo dotado de vida perecível, quando afirma que o latim experimentou ‘la fanciulezza ò la pueritia’, ‘la giovinezza’, ‘la virilità’ e ‘la

vecchiezza', vindo a desaparecer – morrer – em detrimento do italiano.

b) Sobre as idades do italiano que, por sua vez, nascerá da morte do latim:

Morissi adunque la *Lingua Latina*: & morendo partori la *Lingua Italiana* sua matricida: null'altro essendo questa, che vna Latinità sporcata di Voce barbare: & principalmente delle Galliche, onde ancor prese gli articoli, e' piegamenti de' Casi Quinci, se tu leggessi quel primo idioma Italiano. (p. 240, grifo nosso).

O surgimento das línguas românicas, notadamente do italiano, é objeto de outra discussão, não tão pertinente neste contexto. Entretanto, quando o problema é tratado a partir da perspectiva de defesa do vulgar, aqui defendida por Tesauro, assim como de um enfoque distante dos estudos lingüísticos hoje postos em prática, a afirmação permite compreender a visão naturalista que orienta autor. Ademais, se for levado em consideração o processo argumentativo subjacente ao seu discurso, logo se entende que a perspectiva adotada se origina e se orienta pela estratégia de argumentação, persuasão e / ou convencimento do seu público leitor.

O *Cannocchiale*, enquanto tratado, segue o modelo dos discursos, recorrendo, principalmente, ao uso de provas, exemplos, com os quais constrói o seu processo argumentativo. Enquanto a discussão progride nos eixos horizontal (que abrange o conhecimento de todos os aspectos da retórica trabalhados por Aristóteles) e vertical (que faz um apanhado histórico e cultural das ocorrências consagradas pelo autor), o caráter metalingüístico da obra consolida com o próprio modelo aristotélico a discussão a seu respeito.

A abordagem do problema de uso da língua italiana, embora se restrinja à esfera da escrita, faz referências à fala quando “emenda” certos costumes superados no uso do latim e na prescrição feita pela sua gramática e concorda com a adoção, pelo italiano, de modelos contemporâneos, outrora condenados pela gramática de sua própria língua, fazendo integrar usos populares aos modelos gramaticalizados, modernizando e consolidando, assim, um estado de língua situado num estágio intermediário entre um italiano antigo (que aparece caracterizado pelo trecho seguinte, de escolha do

próprio autor) e um italiano que hoje se pratica como língua oficial do território. O exemplo de que se vale Tesauro se encontra abaixo. Dele foram selecionados os termos assinalados em negrito para comentários:

Volendo io Poliphilo territo & **afflicto**, le optate aque sopra la verdose **riue exhaurire**: cum gli popliti **consternato**: & in clausura le dita riducendo, & la vola lacunata, feci vaso da beuere **gratissimo**: laquale infusa nel fonte, & di aqua impleta per offerire alla rabida & anelante bucca: & refrigerare la siccitudine dell'estuante pecto: più grate alhora ad me, che ad gli Indi Hypane & Gange: accadette che non cusì presto le expectate & appetibile aque nella **caeata mano ad la bucca aperta** era per approximarle; che in quello instante **audiui** uno Dorio cantare (che non mi suado che Thamiras Thracio el trovarße) perle mie cauerniculate orecchie penetrante: & ad lo inquieto core tanto suaue, dolce, & concinno traiecto, **cum uoce** non terrestre, cum tanta harmonia, cum tanta incredibile sonoritate, cum tanta insueta porportionone, quanto mais si potrebbe imaginare: la dolcecia dellequale molto più di oblectamento, che la potiuncula offerentesi, mi prestaua.

Os destaques do exemplo, para maior objetividade, referem-se à forte influência da língua latina nas expressões como ‘exhaurire’, ‘gratissimo’ (superlativo sintético de pouco uso entre as línguas românicas), ‘caeata mano ad la bucca aperta’, etc. Demonstram a presença de um estágio do latim nesta língua vulgar (considere-se, aqui, a expressão vulgar como oposição à língua seleta para o exercício da oratória e / ou da escrita; a língua praticada pelo vulgo, pelo povo). Trata-se, na verdade, de um estado superado no momento mesmo de elaboração da obra. Com este exemplo, gradativamente, vai desencadear todo o processo de argumentação em defesa das mudanças pelas quais passou o italiano, a “Língua Toscana”, saindo da fase nascitura em direção à maturidade, passível e capaz de representar a expressão do povo sem depender da *gramática sisuda* imposta pelos usuários do latim.

Como no latim, Tesauro mantém a comparação quanto à existência da língua, demonstrando as fases do italiano:

Visse adunque la *Lingua Italica* similmente sue periodiche vicende. Bagatellò BAMBINA sotto i Tiranni; come la Romana Latinità sotto i Regi: onde le Toscana medesima giudica gli suoi Scrittori di quel Secolo, indegni si esser letti, nonche imitati: corrispondendo il loro stile, allo delle dodici Tauole; dettato dall'vso più che dall'arte.

Fiori poscia la sua GIOVINEZZA circa l'Anno MCCC. nel Secolo del Dante, del Petrarca, & del Boccacci: liquali possiam paragonare ad Ennio, Cecilio, e Plauto: (...) (p. 241)

Conchiudo, la perfetta VIRILITÀ dell'Italiano Idioma, esser questa, che incominciata nel passato Secolo, v'è tuttauia maturando: degna certamente di pareggiarsi à quell'aurea età della Lingua Latina: che di tutte le antipassate etadi, hauea carpito IL PIV BEL FIORE. (p. 242)

Os exemplos tomados desta apologia ao italiano não se restringem à listagem. Recorrendo à comparação, Tesauro traça um paralelo entre os nomes responsáveis pelo desenvolvimento e consolidação do italiano, pondo-os lado a lado com as fases da existência (para ele já caduca) da língua latina. Cada fase recebe um referencial histórico que auxilia na clareza do tempo de amadurecimento e atesta a erudição do autor. Assim, vai tecendo, segundo a própria retórica de Aristóteles, a sua teia argumentativa, rumo à conclusão favorável – e preferível – do uso da língua ‘vulgar’ para seus antepassados, no seu presente, a mais adequada. Na infância da língua, o contato com a Gália e com a Grécia; na Juventude, compara Petrarca, Dante e Boccaccio aos primeiros latinos, Ênio, Névio, etc; na fase adulta, retoma os clássicos Cícero, Ovídio, e tantos outros; sem fazer, entretanto, um paralelo entre sua língua e a fase do ‘latim moribundo’, pois neste momento conclusivo da discussão, o autor assume a defesa da continuidade do italiano, trazendo para seu discurso (extremamente retórico), os argumentos que defende para justificar a impossibilidade de morte do italiano:

Che se il nostro Secolo hà potuto migliorar la Lingua Toscana, & correggere gli suoi Maestri: riducendo le lor licenze alle regole certe della origine Latina: dunque la Lingua Toscana è ancor viua: peroche viuo è ciò che vegeta e cresce in perfectione. Ilche della Lingua Latina non auuiene, lequale hoggiudì si regola dagli esempi, per non sapersi le antiche origini: senon forse de' Grechismi, iquali non sono della vera Lingua Latina. (p. 244).

CONCLUSÃO

Tesauro, com a afirmação acima – síntese de sua discussão sobre as prescrições da escrita - adentra a parte conclusiva do capítulo em que a discussão sobre o uso da língua vernácula tem, segundo o autor glosado, preferência sobre o antigo. Está, assim, firmado o seu exercício de retórica aristotélica em defesa de um uso

atualizado das reflexões do pensador grego. Este uso está pautado nos aspectos de desenvolvimento e maturidade de cada língua, atingido por intermédio do equilíbrio, tirado, na Antigüidade, das reflexões a respeito das práticas remotas, sistematizadas à custa de debates, rupturas e conclusões registradas nos textos dos pensadores, dos quais se destaca Aristóteles, enquanto para Tesouro, é prescrito pela experiência dos aproximadamente quinze séculos que documentam fases da escrita latina e posteriormente das línguas românicas (particularmente do italiano do estágio discutido no *Cannocchiale Aristotélico*).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

TESAURO, E. *Il cannocchiale Aristotélico*. Berlin: Verlag Gehlen; Zürich: Bad Homburg v. d. H., 1968.